

**ENTRE O MUNDO DIGITAL E A PARANOIA DA REALIDADE:  
A REPRESENTAÇÃO DO *FLÂNEUR* PÓS-MODERNO NO ROMANCE  
*REPRODUÇÃO*, DE BERNARDO CARVALHO**

*Ivens Matoso Silva\**

*Xenia Amaral Matos\*\**

*João Manuel dos Santos Cunha\*\*\**

**RESUMO:** A ficção brasileira contemporânea tem se caracterizado por apresentar obras que dramatizam os grandes impasses inerentes ao homem urbano na modernidade. Como exemplo ilustrativo dessa questão, destacam-se as produções literárias do escritor e jornalista carioca Bernardo Carvalho, por trazer à luz as vicissitudes enfrentadas pelo homem contemporâneo. Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo propor uma análise da personagem “o estudante de chinês” presente no romance *Reprodução* (2013), de Bernardo Carvalho, com o intuito de verificar de que forma a literatura incorpora, em sua forma narrativa, os problemas do indivíduo urbano contemporâneo. Para tanto, baseamo-nos nos estudos de Julia Kristeva (1989), Stuart Hall (2003), Antonio Candido (2006) e Eric Landowski (2012).

**PALAVRAS-CHAVE:** Bernardo Carvalho; Literatura e Sociedade; *Reprodução*.

---

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Bolsista CAPES.

\*\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

\*\*\* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). Pós-Doutor em Literatura e Cinema pela Sorbone Nouvelle - Paris III. Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL).

## **Introdução**

A ficção brasileira contemporânea vem se caracterizando por apresentar um número significativo de obras que dramatizam os grandes impasses e questionamentos inerentes ao homem urbano na contemporaneidade. Nessa perspectiva, evidenciam-se a presença cada vez mais constante de produções literárias que se detém à apresentação de personagens atomizados pela força da globalização e que acabam sendo influenciados pelos meios de comunicação. Além disso, atenção também é dada para a problematização da miséria, da violência e do desemprego que cada vez mais assolam as grandes concentrações urbanas.

Ao examinar o atual cenário literário nacional, Regina Dalcastagnè (2005) sublinha que na narrativa brasileira contemporânea, a figura da personagem e do narrador vêm se destacando pela complexidade com que esses dois elementos literários estão sendo explorados pelos escritores, bem como uma evolução dos seus papéis, que acabaram por se tornar cada vez mais expressivos nas tramas. No entender da pesquisadora, o que se observa atualmente é uma completa subversão do que era dado como padrão nas narrativas do século XIX, ou seja, declara-se a extinção daquele narrador que se pretendia imparcial e conhecedor dos segredos mais íntimos das personagens.

Nesse caminho, ao adjetivar o narrador contemporâneo como “confuso”, “indeciso” e “mentiroso”, Dalcastagnè frisa que tais adjetivações também estão relacionadas à figura da personagem. Estas, ao ganharem um lugar de maior visualização dentro da narrativa, através de técnicas como o do fluxo da consciência e a presença de monólogos interiores, por exemplo, é nos dada a possibilidade de apreendermos a mente conturbada desses seres ficcionais e seu olhar subjetivo sobre o mundo. Por conseguinte, ao debruçar-se sobre a representação da personagem no cenário literário atual, a autora esclarece que:

Podemos não saber muito de sua aparência física, ou de seus apetrechos domésticos, talvez não conheçamos sequer o seu nome, mas temos como acompanhar o modo como elas sentem o mundo, como se situam dentro da sua realidade cotidiana. E pouco im-

porta se sua percepção está obstruída, se seu discurso é falho – tudo isso continua dizendo quem elas são (DALCASTAGNÉ, 2005, p. 17).

Na mesma linha de pensamento, Beatriz Resende (2008) vê as produções literárias contemporâneas como um terreno fértil em que se apresentam variadas narrativas de alta qualidade e a apresentação de uma multiplicidade de temas. Nesse sentido, ao propor que é latente uma preocupação acentuada em trazer para a literatura questões que andam em voga nos dias atuais, observa-se, nas palavras da pesquisadora, uma “familiarização com o trágico cotidiano” (RESENDE, 2008, p. 30), o qual acaba servindo de pano de fundo para várias diegeses. Assim, instaura-se em solo brasileiro um acentuado número de ficções urbanas em que se problematiza, através de um individualismo exacerbado, as angústias do indivíduo contemporâneo.

Nesse contexto, já não é mais possível compactuarmos com a ideia de que ao lermos romances, como apontado por Umberto Eco, eles “nos dão a confortável sensação de viver em mundos nos quais a noção de verdade é indiscutível, enquanto o mundo real parece um lugar mais traiçoeiro” (ECO, 1994, p. 97). Muito pelo contrário, por buscar refletir sobre as adversidades que irrompem o sujeito contemporâneo, a ficção que se apresenta hoje vai ao encontro das considerações de Cecília Meireles ao refletir que a literatura “é o documento espontâneo da vida em trânsito. É o depoimento vivo, natural, autêntico” (MEIRELES, 1929, p. 23). Portanto, ao adentrarmos no universo da narrativa brasileira contemporânea, entramos em contato com uma tentativa de espelhamento da realidade que nos circunda: um ambiente caótico e cheio de armadilhas.

Como exemplo ilustrativo dessas questões, destacam-se as produções literárias do escritor e jornalista carioca Bernardo Carvalho. Escritor de renome tanto no cenário literário nacional quanto no internacional, Carvalho possui como marca característica apresentar em suas produções literárias personagens densos e psicologicamente conturbados. Iniciou sua carreira com a publicação da coletânea de contos *Aberração* (1993) e, desde então, passou a se debruçar à publicação de romances, totalizando onze até o presente momento, sendo eles *Onze* (1995), *Os bêbados e os sonâmbulos* (1996), *Teatro* (1998), *As inici-*

ais (1999), *Medo de Sade* (2000), *Nove Noites* (2002), *Mongólia* (2003), *O sol se põe em São Paulo* (2007), *Filho da mãe* (2009) e *Reprodução* (2013). Destes, recebeu o prêmio Portugal Telecom, de 2003, com a obra *Nove Noites* e o Jabuti, de 2004, com *Mongólia*. Com a publicação do seu mais recente romance, *Reprodução*, arrebata novamente o prêmio Jabuti como melhor narrativa do ano de 2014.

Nesta obra, o escritor nos apresenta como protagonista um homem apenas denominado de “o estudante de chinês”, o qual pesquisa e devora todo e qualquer tipo de informação advinda de jornais e, principalmente, da internet. Assim, ao contrário do *flâneur* do poeta francês Charles Baudelaire, que “com prazer quase voyeurístico, comprazia-se em observar refletidamente os moradores da cidade em suas atividades diárias” (MAS-SAGLI, 2008, p. 55), a protagonista do romance de Bernardo Carvalho representaria a figura de um *flâneur* pós-moderno, em outras palavras, ao contrário de apenas observar os moradores da cidade e andar sem rumo diante da modernidade, nessa narrativa, apresenta-se a figura de um indivíduo que deambula desorientado e obsessivamente pelas infinitas páginas da internet e na leitura feroz dos mais variados jornais e revistas.

Entretanto, “o estudante de chinês” ou o *flâneur* pós-moderno representaria o grande paradoxo da contemporaneidade: ao mesmo tempo que possui milhares de amigos virtuais, seguidores e curtidas nas páginas do *Facebook*, vive solitário e infeliz diante de uma completa reprodução de decepções e tragédias que, como é descrito na contracapa do romance, “parece encenar um típico (e problemático) personagem da nossa época”.

Tendo em vista essas considerações iniciais, o objetivo do presente artigo é propor uma análise da personagem “o estudante de chinês”, presente no romance *Reprodução* (2013), com o intuito de verificar de que forma a literatura incorpora, em sua forma narrativa, os problemas do homem urbano contemporâneo. Para tanto, o artigo baseia-se nos estudos de Julia Kristeva (1989), Stuart Hall (2003), Antonio Candido (2006) e Eric Landowski (2012).

A trama centra-se na personagem denominada “o estudante de chinês”, a qual se encontra na fila do check-in para embarcar em um voo com destino à Xangai. No local,

acaba reencontrando sua ex-professora de Chinês, Liuli, acompanhada de uma menina de cinco anos. Nesse inesperado encontro, no instante em que ele começa a conversar com a professora, um desconhecido, que ao longo da narrativa descobrimos que é um agente da polícia federal, “pega a menina no colo e puxa a professora de Chinês para fora da fila” (CARVALHO, 2013, p. 13). Nesse momento, Liuli fala algo em chinês para seu ex-aluno, mas ele não a compreende, mesmo tendo estudado há anos o idioma e tendo cursado até a lição 22 do quarto livro do curso intermediário. A partir de então, começa o longo interrogatório do estudante por um delegado que almeja descobrir o que a chinesa lhe contou, visto que há suspeitas de que ela esteja envolvida em um complexo esquema de tráfico internacional de entorpecentes.

O romance está organizado em três capítulos, denominados “A língua do futuro”, “A língua do passado” e “A língua do presente”. As duas primeiras seções são constituídas, quase que em sua totalidade, pelo monólogo de dois personagens: na primeira, apresentam-se os relatos do “estudante de chinês” que está sendo interrogado por um delegado; na segunda, há uma conversa entre uma delegada e seu parceiro de trabalho que anteriormente estava interrogando a protagonista.

Na terceira seção do livro, “o estudante de chinês” volta a ser interrogado pelo mesmo delegado presente no primeiro capítulo. Essa seção, a mais emblemática da narrativa, caracteriza-se por apresentar várias contradições, o que faz com que as informações apresentadas nos capítulos anteriores sejam postas em dúvida, fato que provoca uma grande instabilidade no discurso apresentado ao longo da narrativa.

Logo no início da diegese, a qual começa com a descrição de um narrador heterodiegético que nos apresenta as personagens que estão no saguão de embarque para o voo com destino à Xangai, já podemos perceber os problemas sentimentais e financeiros que a protagonista do romance enfrenta:

O estudante de chinês está a caminho da China justamente para escapar do inferno dos últimos sete anos, seis deles divorciado, desempregado [...] nos últimos anos transformara os comentários

anônimos na internet e, em especial os hediondos, em sua principal atividade diária (CARVALHO, 2013, p. 9-10).

Como se vê, “o estudante de chinês” é representado como um indivíduo desestruturado economicamente e que ainda luta para se recuperar dos transtornos causados pelo fim do seu traumático casamento. Para tentar fugir ou esquecer dos seus problemas, ele passa os dias dedicado à leitura de jornais e realizando pesquisas na internet. Assim que a protagonista começa a ser interrogada pelo delegado e somente seu discurso apresentado através de um longo monólogo, uma vez que não temos acesso e informações sobre as falas do delegado, começam a vir à tona mais detalhes sobre a vida íntima dessa personagem.

A protagonista esclarece ao delegado que trabalhava no mercado financeiro, mas que acabou perdendo tudo o que tinha e hoje está desempregado. Com isso, sua negatividade a leva a chegar à conclusão de que “ninguém precisa estar à frente do seu tempo para dar errado no Brasil. Basta estar no presente” (CARVALHO, 2013, p. 44). Além disso, mais adiante na narrativa, ele demonstra a sua total solidão ao admitir que: “Não tenho ninguém para perder [...] perdi tudo o que eu tinha [...] Agora só falta eu perder meu voo que sai às seis” (CARVALHO, 2013, p. 53).

O sentimento de perda e solidão carregados pela personagem podem ser lidos à luz das considerações que Julia Kristeva (1989) expressa em seu livro *Sol negro: depressão e melancolia*. Segundo a autora, ao longo da nossa vida social, acabamos sendo sobrecarregados por uma “lista de desgraças que nos oprimem todos os dias” (KRISTEVA, 1989, p. 11), sendo natural, portanto, um esforço para a morte e a melancolia. Ademais, a pesquisadora postula que o indivíduo melancólico/depressivo possui um alto grau de afinidade com a inércia, visto que “o depressivo [...] preso à sua dor, não encadeia mais e, por conseguinte, não age nem fala” (KRISTEVA, 1989, p. 40).

Ao associarmos as reflexões de Kristeva aos fatos expressos no romance, perceberemos que a protagonista, apesar de todos os problemas pessoais que a desestabilizam, acaba não demonstrando um desejo pelo suicídio. O que observamos é a utilização da

verdadeira reprodução dos seus fracassos pessoais para se tornar, como bem assinala Heitor Ferraz Mello, “uma espécie de insuportável sabe-tudo, que escreve cartas, curte comentários da internet e que fala compulsivamente” (MELLO, 2014, p. 1).

Ao se autodenominar “um cara hiperinformado” (CARVALHO, 2013, p. 53), “o estudante de chinês” passa a apresentar sua opinião sobre os mais variados temas. Física, astronomia, política, religião, geografia etc., tudo e qualquer tema vira pretexto para ser discutido ou virar “curtidas”, vocabulário utilizado pela própria protagonista, na sua rede social. Sua completa paranoia em estar conectado à internet, sinalizado pelas insistentes perguntas ao delegado se no ambiente onde eles estavam havia conexão “wi-fi”, bem como a ênfase em iludir-se na fantasia de que possuía muitos amigos podem ser verificadas no excerto a seguir:

Ah, é! Vou escrever. Eu sempre escrevo pra seção de cartas do leitor. Eu também tenho um blog. Estou no Facebook. Tenho muita opinião. E seguidores. O endereço é fácil. Não quer? Tudo bem, não quer, não precisa anotar. Tenho milhares de amigos e seguidores. Mais um, menos um, pra mim tanto faz. Mas vou dar a minha opinião mesmo assim (CARVALHO, 2013, p. 33).

Conforme os diálogos entre as duas personagens se intensificam, novas informações sobre “o estudante de chinês” vão sendo reveladas e, entre elas, evidenciamos a sua crise de identidade. A respeito dessa questão, o pesquisador Stuart Hall (2002) pontua que o sujeito pós-moderno, ao contrário das normas Iluministas que se pautavam na presença de uma identidade unificada e estável, caracteriza-se por apresentar uma considerável complexidade no que concerne ao reconhecimento da sua própria identidade.

Nas palavras do pesquisador:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades [...] estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2002, p. 12).

A protagonista de *Reprodução* apresenta duas situações onde evidenciamos sua fragmentação identitária. A primeira, refere-se ao próprio nome da personagem, que apesar de nunca ser mencionado na narrativa, torna-se objeto de grande questionamento. Apesar de afirmar ter nacionalidade brasileira, ao ser questionado sobre o seu nome, “o estudante de chinês” apenas argumenta que ele “parece árabe, mas não é” (CARVALHO, 2013, p. 29).

Após essa afirmação, a personagem principal diz estar prestes a embarcar para Xangai com a finalidade de conhecer suas origens e enfatiza que sua viagem nada mais é do que “uma questão de identidade” (CARVALHO, 2013, p. 47), visto que seu tataravô teria vindo para o Brasil, no ano de 1817, com o intuito de trabalhar nas plantações de chá na cidade de Santa Cruz. Entretanto, conforme os diálogos vão se intensificando, ele acaba caindo em contradição, alegando que: “não sou chinês, ao contrário do que eu disse. É, não sou. Nenhum chinês veio pro Brasil plantar chá, nunca. A história não existe. O passado não existe” (CARVALHO, 2013, p. 53).

O segundo ponto que ilustra sua fragmentação identitária pode ser verificado no início do terceiro capítulo do romance, quando sua orientação sexual acaba se tornando alvo de especulações. Ao ser tachado de “gay” pelo delegado, o estudante reproduz um discurso repleto de questionamentos e fortes afirmações preconceituosas, as quais traduzem tanto a sua fragilidade quanto a sua total falta de autocontrole:

Gay? Eu? Gay é a puta que pariu! Quem disse que perguntar não ofende?! Só porque não quero ter filhos? [...] Como, que loucura é essa?! Eu? Eu disse?! Dei a entender? Puta que pariu! E o que é que o senhor quer que eu diga?! Preferia nascer morto ou aleijado a nascer gay! Até nascia preto se precisasse, mas gay?! (CARVALHO, 2013, p. 135-136).

Imediatamente é possível depreender do trecho a visão preconceituosa de um homem que denigre a imagem de homossexuais, afrodescendentes e deficientes físicos, numa tentativa desesperada de se auto afirmar superior. Essa atitude da protagonista coa-

duna-se com as proposições teóricas de Eric Landowski (2012) que nos apresenta uma densa análise a respeito das relações intersubjetivas.

Segundo o pesquisador, na relação interpessoal entre um “eu” e um “outro”, se estabelece a presença de um grupo de referência que investirá sobre uma pessoa ou grupo minoritário um conteúdo semântico que poderá ser de caráter positivo ou negativo. Desse modo, podemos notar que por mais fragmentada que se apresente a identidade do “estudante de chinês”, ele se considera integrante do grupo de referência, nomeado por Landowski, e utiliza-se disso para denegrir e, ao mesmo tempo, fortalecer a sua diferença em comparação aos grupos minoritários.

Não obstante, pertencer a esse grupo de referência que a protagonista acredita fazer parte também exige certos padrões ou uma conduta pré-estabelecida que ele não consegue manter. O “estudante de chinês”, como apontado anteriormente, é um homem que ainda luta para se reconstituir emocionalmente após o abalo do fim do seu casamento, sua mulher o largou para ficar com um quiroprático americano após três tentativas falhas de gravidez com a protagonista. Nessa linha de raciocínio, a personagem central de Reprodução poderia ser interpretada como a representação da imperfeição do estereótipo masculino fortemente enraizado na sociedade, a qual espera que um sujeito pertencente ao sexo masculino seja visto como o símbolo máximo da força, da dominação e da virilidade.

Nesse caminho, conforme assinala Landowski:

Acabam então as certezas de um Nós pleno, imóvel, transparente e satisfeito consigo mesmo e começa, em compensação, o questionamento de um Nós inquieto, em construção, em busca de si mesmo em sua relação com o Outro” (2013, p. 27).

A consciência que ele adquire do seu não pertencimento ao “Nós” ou ao grupo de referência, juntamente com a sua fragmentação e decadência, acabam fazendo com que a personagem, através de um profundo mergulho subjetivo, exteriorize sua total falta de

perspectiva em modificar a verdadeira reprodução de desastres que estão caracterizando a sua vida.

O senhor por acaso tem ideia do horror que é ter esperança? E viver no país da esperança? É claro que eu quero sair daqui! Alguém me mande pra China, pra bem longe dela [sua ex-mulher], pra onde não há a menor possibilidade da gente se encontrar, nem se eu quiser, o país da impossibilidade e da desesperança e da descrença, onde nem a língua eu espero um dia entender, onde a possibilidade de estar do lado dela não exista nem na imaginação! A esperança é a porta do inferno! (CARVALHO, 2013, p. 142).

Convém observar, a partir do excerto acima, que a protagonista de *Reprodução* é um indivíduo que vive preso às lembranças do passado e que busca, desesperadamente, ir para a China para fugir dos seus problemas. Nessa perspectiva, o apelo à fuga poderia ser visto como uma estratégia para que a dolorosa esperança ou ilusão que ele ainda possui de salvar seu casamento e, conseqüentemente, o amor da sua ex-esposa, acabem se dissipando.

Diante disso, a obra de Bernardo Carvalho pode ser analisada no sentido de questionar sua íntima relação com os dramas cotidianos da sociedade contemporânea. Sobre essa característica, o teórico Antonio Candido (2006) propõe, através da sua proposta teórico-metodológica, que a análise literária deve levar em consideração o elemento social, uma vez que só podemos entender integralmente uma obra “fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra” (p. 13).

Desse modo, o contexto social que serve de pano de fundo no romance de Bernardo Carvalho acaba sendo utilizado para construir a imagem de uma sociedade opressora, na qual não há espaço para perdedores ou indivíduos frágeis. Assim, a busca ou a possibilidade de realização da protagonista no contexto brasileiro são mínimas ou nulas, fato que acaba a obrigando a fugir do completo “inferno” que sua vida acabou se tornando.

Ao aproximarmos do fim da narrativa, a qual retorna a ser narrado por um narrador heterodiegético, descobrimos que a protagonista consegue, enfim, embarcar para Xangai e que acaba levando consigo a menina que estava com sua ex-professora Liuli.

Conforme a voz narrativa comenta, o estudante se sente realizado em ter salvo a vida da menina “dos horrores a que estaria condenada se tivesse ficado no mesmo mundo violento, de chacinas, sequestros, acertos de contas e balas perdidas” (CARVALHO, 2013, p. 164).

Além disso, ele chega a expressar arrependimento por um dia ter perdido a esperança nos seres humanos e até mesmo em si mesmo:

Ele diz que, apesar de tudo o que possa ter dito sobre não querer reproduzir esse mundo do qual eles dois fazem parte, cumpriu a tarefa que lhe foi atribuída, contrariando a sua natureza, os seus princípios e as suas convicções: entregou a menina sã e salva aos pais adotivos da professora de chinês (CARVALHO, 2013, p. 164).

Entretanto, uma possível interpretação das duas páginas finais do romance demonstram que a narrativa, ao apresentar um final em aberto, acaba desestruturando o possível “final feliz” apresentado no excerto acima. Verificamos que a menina, ao ser entregue aos seus parentes chineses, desespera-se, chora, grita e esperneia ao ver o estudante se despedir e ir embora. A cena dramática que caracteriza a rápida despedida entre a menina e a protagonista choca pelo fato de apresentar uma visão amplamente pessimista do futuro da humanidade.

Nesse sentido, “o estudante de chinês” finaliza a narrativa do mesmo modo ou até mesmo pior do que o apresentado no início do romance - continua frio, solitário e agora acreditando, erroneamente, ter feito uma boa ação; já a menina, ao ter um grande choque ao ver a casa onde passará o resto dos seus dias, ainda terá que lutar para sobreviver em um mundo “infestado de pedófilos, de lobos em pele de ovelha [...] e dominado por justiceiros assassinos” (CARVALHO, 2013, p. 167).

### Considerações finais

A partir da análise da personagem “o estudante de chinês” presente no romance *Reprodução*, de Bernardo Carvalho, foi possível perceber os grandes problemas que as-

sombram o indivíduo urbano contemporâneo através da representação de um indivíduo perplexo face a um mundo competitivo, sem espaço para falhas, perdedores e sentimentalismos.

Ao longo da narrativa, podemos verificar a construção de um indivíduo desestruturado tanto economicamente quanto emocionalmente, podendo ser lido, portanto, como uma vítima da violência, mesmo que simbólica, dos padrões impostos pela sociedade. Desse modo, a imagem apresentada da sociedade contemporânea assume um caráter altamente conservador e opressivo, visto que não há oportunidades de realização da protagonista ao longo de todo o romance, fato que acaba levando a sua total fragmentação identitária na tentativa de pertencer a algum grupo social.

Através do seu fracasso pessoal, a protagonista apresenta uma verdadeira reprodução dos mais variados tipos de preconceitos, os quais acabam sendo utilizados como uma válvula de escape para se esquivar e se proteger da tragédia que tem sido a sua vida deplorável.

Além disso, é esse sentimento de fuga e imperfeições que a levam a mergulhar no mundo digital e das páginas dos jornais e das revistas. Fato que a torna um verdadeiro *flâneur* pós-moderno, ou seja, um indivíduo que transita, desesperadamente, em busca de um saber enciclopédico que a guie ou a ajude a encontrar o caminho para a felicidade e a solução dos seus mais variados problemas.

O romance de Bernardo Carvalho também nos instiga a refletir a respeito de um importante paradoxo contemporâneo: ao mesmo tempo em que estamos rodeados por um número enorme de pessoas nos centros urbanos; estamos tão solitários, depressivos e nos tornando cada vez mais individualistas. Essa é uma questão retomada diversas vezes pelo “estudante de chinês” e pode ser um dos motivos que o levaram a fazer do computador e, principalmente, das redes sociais, os seus melhores amigos, fato que acentua ainda mais a sua solidão.

Ao fim desta análise, que não esgota as leituras possíveis da obra de Bernardo Carvalho, evidenciamos que a narrativa do escritor brasileiro apresenta uma forte crítica à

atual condição do indivíduo contemporâneo, o qual recorre cada vez mais à tecnologia para escapar dos desastres, desilusões e, principalmente, da solidão de sua vida off-line, fazendo, desse modo, com que ele viva na fronteira e na indecisão de viver ou na fantasia disponível pelo mundo digital ou na paranoia da realidade contemporânea.

**ABSTRACT:** Contemporary Brazilian literature has been characterized by presenting literary works that depict the problems faced by the modern urban men. As an illustrative instance of those issues stands out the productions of the writer and journalist Bernardo Carvalho. In this regard, the present paper aims at presenting an analysis of the character “Chinese student” from Bernardo Carvalho’s novel *Reprodução* (2013) with the purpose of verifying how literature incorporates into its narrative the problems of the contemporary urban citizen. To do so, we based our analysis upon the studies developed by Julia Kristeva (1989), Stuart Hall (2003), Antonio Candido (2006) and Eric Landowski (2012).

**KEYWORDS:** Bernardo Carvalho; Literature and Society; *Reprodução*.

## REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARVALHO, Bernardo. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Entre fronteiras e cercado de armadilhas: problemas da representação na narrativa brasileira contemporânea*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finattec, 2005.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- KRISTEVA, Julia. *Sol negro: depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- MASSAGLI, Sérgio Roberto. Homem da multidão e o flâneur no conto “O homem da multidão”, de Edgar Allan Poe. In: *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*, v. 12, jun. 2008, p. 55 – 65.
- MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso*. Rio de Janeiro: Ed. Lux, 1929.

MELLO, Heitor Ferraz. O espantinho da informação. In: *Revista Cult*. São Paulo: Editora Bregantini. Disponível em: < <http://revistacult.uol.com.br/home/2014/01/o-espantinho-da-informacao/>>. Acesso em: Maio/ 2015.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

*Recebido em 11/09/2015.  
Aprovado em 17/11/2015.*